REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 434

11 DE JANEIRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

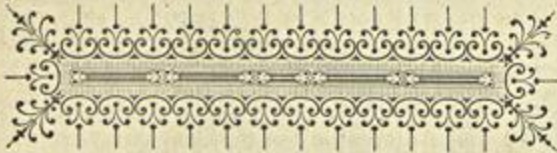
LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

PAIVA DE ANDRADA

JOAO DE REZENDE

MANUEL ANTONIO DE SOUZA

OS PRISIONEIROS DA «SOUTH AFRICAN»

CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica de Lisboa tem hoje o grato prazer de fallar de duas peças originaes portuguezes e de duas peças que triumpharam absolutamente, completamente, brilhantemente:—*A Morta* de Lopes de Mendonça, e *A Moira de Silves* de Lorjó Tavares.

Continua felizmente no nosso theatro a serie triumphal dos originaes portuguezes, esse grande renascimento do nosso theatro que durante annos poucos ou nenhuns signaes de vida deu de si.

A Morta e *A moira de Silves* cada uma no seu genero e generos bem differentes são, alcançaram um ruidoso e enthusiastico successo.

Folgamos sinceramente com isso, folgamos como portuguez, folgamos como escriptor, folgamos como amigo pessoal de ha muitos annos d'esses dois brilhantes auctores dramaticos que o publico e a critica acabam de laurear.

Lopes de Mendonça era já um mestre consagrado em theatro: o seu *Duque de Vizeu* collocára-o logo entre os primeiros dramaturgos da nossa terra e *A Morta* vinha escudada, vinha garantida pela grande auctoridade de seu glorioso nome.

Lorjó Tavares esse era completamente desconhecido no theatro.

Muito conhecido e muito apreciado como jornalista pelos seus collegas que de mais perto tratavam com elle, Lorjó Tavares nunca tivera occasião de revelar ao publico na quotodiana tarefa improba dos jornaes, tudo quanto valia o seu brilhante talento, e do que esse talento era capaz.

N'uns contos publicados aqui e ali—e o OCCIDENTE tem tido a honra de publicar mais d'um d'esses contos deliciosos—Lorjó Tavares fizera mais d'uma vez prova do seu delicado talento litterario, da sua observação espirituosa e intelligente, mesmo para aquelles que com mais interesse tenham seguido de perto toda a sua obra litteraria, *A Moira de Silves* foi uma verdadeira surpreza, a revelação d'uma nova phase, e das mais brilhantes d'aquelle formozo talento.

A chronica, hoje limita-se a registar aqui o grande successo d'esses dois notaveis originaes portuguezes, um que consolidou mais ainda a justissima nomeada do seu auctor—*A Morta*, e outro *A Moira de Silves* que fez d'um debutante um triumphador: a respeito d'essas duas peças e do excellente desempenho que lhes dão os artistas de D. Maria e os artistas da Trindade, fallaremos mais detidamente no proximo numero em que o OCCIDENTE consagrará as suas paginas illustradas, aos *croquis* das principaes scenas d'essas duas peças tão portuguezas e aos retratos dos seus auctores.

*

No primeiro numero d'este anno não quizemos, como muito terminantemente declarámos, enlutar a primeira chronica do anno com noticias funebres: entretanto a necrologia, que já n'essa chronica tinha que occupar lugar importante, tem crescido, e hoje não podemos nem queremos deixar de registar aqui o desapparecimento d'esse punhado de homens illustres, que a morte roubou a Portugal e á França nos fins de 1890 e nos principios de 1891.

D'um d'esses homens, já o nosso jornal de 1 de janeiro se occupou largamente em artigo especial e por isso limitamo-nos a inscrever-lhe aqui o nome glorioso: o patrão Joaquim Lopes.

O outro morto notavel portuguez foi um homem honradissimo, um magistrado illustre, que atravessou a vida successivamente, entre amisades e dedicações, cumprindo religiosamente sempre o seu dever como magistrado e consagrando os momentos que tinha livres dos seus trabalhos officiaes aos estudos litterarios, á cultura das bellas lettras, dos monumentos classicos portuguezes que elle adorava—o juiz Miguel Osorio Cabral.

Entre os seus trabalhos litterarios o de maior monta foi um drama historico e patriotico tendo por assumpto a Restauração de 1640.

Foi uma surpresa para toda a gente quando o juiz Miguel Osorio appareceu um dia dramaturgo.

Teve luctas enormes para conseguir que a sua peça fosse representada tanto mais que essa peça exigia grande despesa para a sua montagem e pela sua forma antiquada não promettia ás empresas compensal-as dessas despesas.

Por fim tanto trabalhou, que ao cabo de muitos annos o sr. Miguel Osorio conseguiu um subsidio do governo para a sua peça ser posta em scena e teve o grande prazer de finalmente a ver representada em D. Maria.

Fóra porem dos modernos moldes da litteratura dramatica actual, a peça, cujo effeito theatral era prejudicado pelo excessivo rigor historico, teve vida ephemera em scena.

A morte arrebatou ha semanas ao extremo affecto da sua familia e dos seus amigos esse honrado e santo homem que deixou de si uma memoria venerada e querida.

*

O fim do anno foi terrivel para a litteratura franceza que viu desapparecer rapidamente, no tumulo dois dos seus mais illustres escriptores.

A nossa vida litteraria prende-se tão intimamente com a vida litteraria da França, os escriptores francezes imperam tanto no nosso mercado e então se os dois que a morte levou agora, quasi que ao mesmo tempo, eram tão queridos e tão apreciados do nosso publico, que a sua falta é quasi tão sentida em Portugal como foi em França.

Esses dois escriptores foram:—Octavio Feuillet e Adolpho Bellot.

Octavio Feuillet teve em Portugal uma verdadeira celebridade, e durante muito tempo os seus livros e as suas peças fizeram acontecimento litterario no nosso paiz.

Quando nós começámos a entrar no mundo, a lêr romances e a frequentar theatro, Octavio Feuillet triumphava em toda a linha, no livro e no palco.

No palco uma das suas peças alcançava um successo enorme, um dos maiores successos theatraes de Lisboa—*A Vida d'um Rapaz Pobre*.

Realmente encantadora essa peça que elle proprio tirára d'um dos seus melhores romances, *A Vida d'um Rapaz Pobre* era um espectaculo delicioso representado por Santos, Manuela Rey e Tasso.

E ficou no reportorio do nosso theatro e teve centenares de *reprises*, sendo successivamente o papel de Margarida Laroque feito depois de Manuela Rey por Emilia Adelaide, Lucinda Simões, Margarida do Nascimento, Amelia Vieira, e o papel de *Rapaz pobre* por Santos, Furtado Coelho, e Alvaro.

E o *successo* extraordinario d'essa peça fez com que quasi todo o reportorio de Feuillet fosse explorado pelos traductores e quasi todo elle com grande successo.

As peças de Feuillet de maior successo entre nós foram a *Dalila*, traducção de Antonio de Serpa Pimentel e uma das corôas de Lucinda Simões, *Os Nobres e Plebeus (La belle au bois dormant)* traducção de Francisco Palha, a *Redempção*, traducção de João Ricardo Cordeiro, e um dos grandes successos de Santos e Emilia Adelaide, a *Sphynge*, traducção de Ramalho Ortigão.

A Julie, *Montjoie*, a *Tentação* tiveram menos exito, e menos ainda a ultima peça de Feuillet que se deu em D. Maria, *Um romance parisiense*. Das peças d'elle em um acto, tiveram muito successo em Lisboa o *Acrobata*, por Santos, Brazão e Virginia, e o *Caso de consciencia* por Santos e Emilia Letroublon.

Esta peça foi a primeira peça que a pessoa que escreve estas linhas traduziu, em collaboração com Augusto Alexandrino do Carmo.

Muito contentes com o achado d'essa bella comedia, fomos com uma carta de Francisco Gomes de Amorim, de quem o Carmo era então secretario particular, leval-a ao velho Theodorico.

Deixámos-lhe a peça e a carta em casa, e depois fomos receber a resposta.

Suámos antes de o podermos encontrar, por fim fallamos-lhe na Assembléa da rua do Arco do Bandeira, e iamos ambos tão atrapalhados, tão commovidos, que começámos em duetto a nossa apresentação por esta forma, que devia dar muito fraca idéa da nossa grammatica.:

— Nós *semos* os traductores.

Apesar do *semos* Theodorico affiançou-nos que tinha lido a peça, que tinha gostado muito d'ella, e que ia ser representada em D. Maria pelo Tasso e pela Emilia das Neves.

Calcula se facilmente a nossa alegria.

N'essa noite não dormimos, mas no dia immediato accordámos desanimados, lendo nos jornaes que estava em ensaios no theatro do Principe Real o *Caso de consciencia*, traduzido por Pinheiro Chagas.

E foi este o que se representou—ainda bem para Feuillet e para o publico.

Dos romances de Feuillet todos elles foram traduzidos em Lisboa, sendo o de maior sensação o *Conde de Camors*, que Pinheiro Chagas traduziu.

Feuillet morreu com 69 annos, mas o seu espirito conservou até ao fim a lucidez dos tempos aureos, o seu talento a mesma robustez e a mesma delicada elegancia, e é verdadeiramente pasmosa a frescura da sua ultima peça o *Divorcio de Julieta*, escripta ao pé dos 70 annos.

*
* *

Adolpho Bellot nunca teve entre nós a nomeada de Feuillet, mas tanto no romance como no theatro teve tambem a sua hora de celebridade. O *Testamento de Cesar Girodot*, traduzido por Pedro Vidoeira, agradou muito no theatro de D. Maria, e o seu drama o *Artigo 47* teve um ruidoso successo no theatro do Principe Real, representado pela actriz Custodia Velloso.

O *Drama da Rua da Paz* tambem teve certo exito no theatro de D. Maria.

Dos seus romances o que maior successo teve entre nós foi a *Melle. Giraud ma femme*, traduzido por Pinheiro Chagas e editado por Paulo Plantier, com o titulo de *Amigas e Peccadoras*.

Um dos ultimos romances de Bellot, *Melinite*, que teve successo em França, repete o mesmo assumpto de *Melle. Giraud*.

Adolpho Bellot morreu com 61 annos d'edade.

*
* *

Não fecho a chronica sem dar noticia do *Othello*, que na noite de 8 se executou em S. Carlos.

Na primeira noite o publico, d'uma frieza estranha e inexplicavel não fez da opera um grande successo, mas o que é certo é que o *Othello* vae muito bem cantado, e em alguns pontos leva vantagem ao *Othello* do anno passado. O Yago é o mesmo magnifico Yago que Menotti nos apresentou na época ultima, com a differença de que conhecendo muito mais a opera está mais senhor do seu papel e de todos os seus effeitos, e é deveras magistral tanto na interpretação musical como na interpretação dramatica do personagem.

Gabrielesco tem sobre o sr. Brogi a grande superioridade de ser um verdadeiro tenor, emquanto que aquelle não passava d'um barytono a esforçar-se para fingir de tenor. E' um tenor o sr. Gabrielesco e um bello tenor, tem uma voz lindissima, canta bem, tem uma comprehensão nitida e intelligente da parte dramatica do seu personagem, representando-o d'uma maneira muito superior ao sr. Brogi, que se limitava a cantal-o.

A Theodorini não tem para o personagem da Desdemona os dotes muito especiaes de voz e de physico que tem a Tetrasini, a quem este personagem calça como uma luva e que com certeza é a melhor de todas as Desdemonas que ha hoje no mundo lyrico, mas cantou-a e representou-a distinctamente, com o talento superior e a consumada arte de grande artista que é em toda a parte e em todas as operas.

Mancinelli dirigiu explendidamente a opera fazendo valer todos os seus effeitos. Depois d'isto não comprehendemos o motivo porque o publico ouviu tão friamente a magnifica opera de Verdi e não lhe fez o grande successo dos annos anteriores.

Gervasio Lobato.

BULHÃO PATO

Para escrever deste poeta, tão nevado dos annos, embora nos olhos e talento lhe vivam a chama e o fulgor das convicções, é-nos proveito seguil-o nos accidentes da sua existencia, consentaneos ao accidentado dos homens e acontecimentos, em que elle conviveu e se creou. Raymundo de Bulhão Pato nasceu na Biscaia a 3 de março de 1829, e começou escrevendo aos 17 annos, ahi por 1847. E' assim um poeta romantico, e, no romantismo se filia e prende. Ainda infante, assistio aos tres cercos de Bilbau: nos cerros das montanhas bascas, vio alinharem-se relusentes as bayonetas, e os sabres coriscando ao sol da guerra civil, dar voz de commando. Sua mãe de creação, Maria Salomé, cahio varada de ballas pelos christinos; seu pae Francisco de Bulhão Pato, portuguez, poeta e fidalgo, morreu a 19 de maio de 1840, quando seu filho de 11 annos, mais necessitava de seus conselhos. Já então era o nosso biographado em Portugal; pois em 1837 deixara as Vascongadas, por se livrar com a familia aos horrores da guerra civil.

Em Lisboa, com cêdo lhe raiou a *vis* poetica; nem mais podia succeder, porque de imaginação florida, viva e ardente, pelos 15 annos entra no convivio dos talentos mais illustres de Portugal. Na escola polytechnica, ahi matriculado em 1845, conversou Latino Coelho, João de Andrade Corvo, e outros que já estão á sombra dos cyprestes, dos

quaes era seu pelos affectos o poeta Emilio Augusto Zaluar. Logo começou de compôr versos, e tão expontaneos e naturaes, que lhe accumularam a attenção e sympathia de um homem, com alma de gôdo, que entre nós foi — Alexandre Herculano. Em 1847, encontramol-o na Ajuda, vivenda do illustre historiador, e onde, de camaradagem com Rebello da Silva e Almeida Garrett, assistio ao desabroxar dos vigorosos talentos, que encantaram e ensinaram a nossos paes. Era-se na epoca das revoluções politicas e das revoluções litterarias. Na Ajuda foram vistos no trato intimo do serio historiador, o Saldanha, o duque de Loulé, o Palmela, o José Estevam, e tantos tribunos e poetas, e tantos politicos e prosadores da renascença portugueza. Se findára a luta civil, ardia a revolução politica, o enthusiasmo sincero pela obra concluida, e o desejo de engrinaldar de flôres a nova constituição. Vieram os poetas, os oradores, os estylistas, os devaneadores do jornal e do pamphleto, os da historia, e um só historiador. Sentia-se o alvoroço de uma causa vencedora, a valentia de quem vinha da guerra da polvora, e ia combater na guerra da palavra. Com que saudades não memoramos hoje os nomes desses lidadores, que antes de se apagarem nos deram sua paixão em versos harmoniosos, em proza eloquente, onde alfim rescende, pela vez primeira o perfume dos sentimentos humanos, adormidos no classissismo ao começo do seculo! Comprehende-se, ao lel-os, que estes homens nutriam arreigada a convicção, de que um novo codigo politico de pouco era, se não se formasse o coração, o cerebro, a structura intima do individuo portuguez. No drama, na comedia, na historia, na palestra academica, na phantesia poetica ou ligeira, no libello politico, na satyra, no folhetim volteiro—tal se vê o seu intento, tal se vê seu constante cuidado:—ensinar os môços, educar os homens novos. N'este convivio se formou o nosso poeta. Era o tempo dos *Canticos* de Mendes Leal (1858), dos *Cantos matutinos* de Gomes de Amorim, das *Poesias* de Soares de Passos; tempo em que tudo era romance, isto é em que tudo se chamava paixão. Era uma epocha essencialmente poetica, em que representava Manuela Rey, cuja voz chorando commovida, fazia chorar. Tal o prestigio e talento de uma mulher formosa! Então, oradores taes como o José Estevam, sabiam descer ao recesso intimos dos espiritos para de lá descastoar as lagrimas e os risos. Era o tempo, em que o theatro portuguez começava de arriscar os primeiros passos, e a novella de costumes as suas primeiras paginas. Reviviam os romances da poesia popular, o principal thesouro onde se guardam as tradições e sentimentos de um povo batalhador e poeta.

Tinham sido publicados por Garrett, um tanto arranjados por elle, não obstante sinceros e verdadeiros na forma popular e no assumpto. Eram as *canções de gesta* da nação portugueza; e finalmente o estrebuxar do caracter academico e o da imitação classica; momento poetico da nossa historia, porque acreditavam n'alguma cousa. As senhoras folgavam de ouvir recitar versos; orgulhavam-se com a admiração dos homens de lettras; tinham salões abertos á conversação e á politica. Ahi se sagravam reputações e se fasiam ministerios, e o chefe do estado, ou se chamasse D. Pedro V ou D. Luiz I, ia, não raras vezes, sentar-se á mesa das conferencias e das academias.

II

Nas aproveitadas horas d'estes escriptores, e d'estes ideaes se fez homem Raymundo de Bulhão Pato. Herculano, o severo historiador, Garrett o artista de genio, que, aos cincoenta annos, sabia dar forma e sentimento a suas paixões, Rebello da Silva, o grande lyrico da palavra fallada e escripta foram elles, — poetas, vulgarisadores de ideias e tribunos eloquentes, o que se vê de suas orações e de sua prosa, — com quem se creou o talento multiplice de Bulhão Pato. Assim que, não é nem foi apenas um poeta de brisas, mas orador de assembléas e academias, conversador, rapsodo e contista, e mais lidador do epigramma, da ironia e da satyra. Fallemos porém do poeta. A primeira vez que saio a publico, foi em 1851 com um livro, que se intitula — *Poesias*. Não o conhemos, por ser esgotada a edição. Manuseámos, todavia, o segundo trabalho do auctor, publicado em 1862, e onde se encontram em compendio os seus versos desde 1847. Os titulos d'elles são o bastante para os definir; — são versos romanticos, flores expontaneas nascidas ao calor do ceu peninsular, sem esforço nem fadiga. Adivinha-se n'elles a mocidade dos annos, e de longe em longe, o escriptor laureado e popular que virá depois. E' certo, porém, que o episodio de Parizina, revella desde logo a grandeza do futuro poeta, que soube em verso portuguez medir-se com o genio inspirado do primeiro lyrico do seculo: — Byron. Quem ler o original inglez e os versos, como que escriptos de um folego, de Bulhão Pato, logo vê ter defrontado com um artista de superior talento, que saberá, volvidos tempos, conquistar nossa attenção e dominal-a. E' o que succede, por egual, na Lelia, poemeto que parece escripto por Campoamor e uma das suas *doloras*, a que o poeta soube dar o sentimento, a ironia e as paixões, que, sob color elegante, se criam nas grandes capitaes. Não menos impressão nas deixou a — *Canção dos piratas*, traduzida do Corsario de Byron (1861). Ao lado d'estas mocidades onde por vezes apparece a influencia do bardo inglez, paginam-se composições escriptas para serem recitadas ao piano, e que foram popularissimas. Algumas outras, ainda d'este volume, são de grande belleza lyrica; — sirva de exemplo — *Aquelle dia*, publicado em 1858, e que o poeta escreveu aos 28 annos.

Depois d'estes versos, tentamen de quem experimenta as forças, veio a *Paquita*, poema de largo folego, editado em 1866. Aqui termina a *ingenuidad sencilla y candorosa* do poeta, e é o começo da affirmação do seu enorme talento. N'este livro tudo se encontra: — o escriptor vigoroso já consciente do seu estro, o qual sabe dominar pela vontade na creação de uma obra d'arte e a poesia verdadeira, que tira seu thema das paixões vividas. A descripção da paisagem e costumes peninsulares, a mocidade de seus heroes, a ironia do auctor, as mulheres formosas que nos apresenta, creaturas vivendo n'este mundo, onde as suas graças e paixões atam e desatam os dramas e comedias, e tudo em cantos, onde os versos são vivos, as palavras tem côr, a rima é sonora, as paixões intensas, os personagens dramaticos — é tudo isto o que faz d'este poema um livro unico, certamente comparavel ao *D. João* de Byron. A maneira do poeta da *Legenda dos seculos*, que no Hernani, sua obra immortal, traduzio impressões e visões da infancia, quando na Hespanha seguia no encalso de seu pae, um dos victoriosos do primeiro imperio, — assim, Raymundo de Bulhão Pato, na *Paquita*, sua obra de maior substancia, e de mais talento, sente a repercussão das recordações, de quando sob o ceu doirado da Hespanha, assistio a lances e a scenas que tão bem descreve em suas memorias, cujos capitulos de per si só, são dramas de amor e lagrimas! Sim, é um homem que tem na retina dos olhos e na lembrança, os affectos ardentes de um povo catholico-cavalheiresco, quem escreve esses versos, que reproduzidos e completados, como promette o auctor, terão os foros da actualidade, pois o que é bello não envelhece e é de todos os tempos.

(Continua) *Conde de Valenças.*

AS NOSSAS GRAVURAS

OS PRISIONEIROS DA «SOUTH AFRICAN»

PAIVA DE ANDRADA—MANOEL ANTONIO DE SOUZA—JOÃO DE REZENDE

O conflicto *Anglo-Portuguez* principiado em fins de 1888 tem-se prolongado até hoje surtindo, para assim dizer, em cada dia novas complicações que não abonam a boa fé nem a lealdade com que a Inglaterra se está conduzindo para com Portugal, sobre o modo de conciliar os interesses d'estas duas nações.

A complicação mais recente, (se é que a estas horas não haverá já outra) foi a prizão de Paiva de Andrada, Manoel Antonio de Souza e João de Rezende, pela força armada da companhia ingleza *South African*, como já se deu noticia aos leitores na revista politica do n.º 431, sendo desnecessario historiar aqui o que ficou dito n'aquella secção.

Hoje só apresentamos os retratos dos tres prisioneiros, que felizmente já se acham soltos em virtude da reclamação do governo portuguez, havendo noticia de virem a caminho da Europa Paiva de Andrada e Manoel Antonio de Souza e sendo esperados em Lisboa brevemente.

Joaquim Carlos Paiva de Andrada é um explorador portuguez bem conhecido e de que já publicámos algumas notas biographicas a pag. 107 do XIII vol. do OCCIDENTE.

O que acaba agora de lhe acontecer é mais um facto notavvel para a sua biographia, aliaz bem cheia d'elles, nos quinze annos que vão decorridos d'esde que Paiva de Andrada trocou o seu viver da Europa pelas emprezas em Africa.

Manoel Antonio de Souza é hoje um potentado da Africa Oriental.

Nasceu na India portugueza, mas ha muitos annos que se estabeleceu em Moçambique, onde adquirio grandes prazos.

Casou com uma princeza africana de que nasceu um filho que está a educar em Lisboa, na Escola Academica.

A sua qualidade de grande proprietario e de homem intelligente deu-lhe natural proponderancia em toda a provincia de Moçambique e a sua influencia n'aquelles povos foi habilmente aproveitada pelo sr. Pinheiro Chagas quando ministro da marinha, nomeando Souza capitão-mór do districto de Manica, com o posto de coronel de segunda linha, por occasião de se criar o referido districto.

O capitão Manoel Antonio de Sousa tem sido um dos mais dedicados auxiliares de Paiva de Andrada nas suas explorações africanas. A elle se deve tambem o grande auxilio que prestou a Agostinho Coelho para subjugar a revolta de Massingire.

Foi tambem um poderoso auxiliar do governo portuguez, na expedição que teve por fim subjugar o Bonga, cabendo-lhe grande parte da victoria alcançada sobre aquelle tyranno potentado.

Manuel Antonio de Sousa tinha estabelecida a sua residencia em villa Gouveia, capital provisoria do districto de Manica, e sendo este o principal centro da sua influencia, d'ahi lhe veio os inglezes chamarem-lhe Gouveia.

E' o portuguez mais temido pelos inglezes n'aquelle paiz, porque sabem do prestigio que elle tem sobre os indigenas e da respeitavel força armada de que dispõe.

Só desprevenido é que o poderiam aprisionar, e talvez vênham a arrepender-se da cobardia que praticaram.

João de Rezende é filho do barão de Rezende e ha uns oito annos que deixou a vida de gosos que levava em Lisboa e se foi até á Africa Oriental em busca de salvar o seu patrimonio um tanto gasto, trebalhando com o ardor e coragem com que os portuguezes se distinguem em saindo do seu lar.

Foi empregado da companhia de Moçambique, e os seus serviços tem sido importantes, conhecendo hoje todo o sertão do sul do Zambeze e tendo adquirido entre o indigena um prestigio não inferior ao que Manoel Antonio de Sousa exerce sobre aquella gente.

E', portanto, um dos portuguezes mais conhecidos d'aquelle paiz, o que tem mostrado nas interessantes cartas que tem escripto á companhia.

Os inglezes tambem o temem e por isso o achavam boa presa como a de um inimigo que os encommoda.

Exerce grande influencia junto do potentado indigena Gungonhama, com o que tem prestado bons serviços a Portugal.

O GENERAL JOUBERT

Acha-se ha dias em Lisboa o general Joubert, um dos heroes da grande lucta sustentada pela republica do Transwaal contra o dominio da Inglaterra.

Quando outras rasões de sympathia nos não merecessem os boers, bastaria a circunstancia do sr. Joubert ter sido um dos generaes que bateram as forças britannicas e as venceram, proclamando a autonomia do Transwaal, para n'este momento em que elle é nosso hospede commemorarmos a sua visita publicando o seu retrato.

Paulo Jacob Joubert é de origem franceza, de uma familia de huguenotes francezes de ha muito estabelecida em Africa.

Homem de intelligencia clara e animo resoluto, tem exercido no seu paiz os mais elevados cargos da republica, pois já foi seu vice-presidente.

Joubert foi dos cidadãos boers que mais combateram as pretenções da Inglaterra á annexação do seu paiz, e veio á Europa, em companhia de Kruger, conferenciar sobre este assumpto com o governo de Londres em 1878, mas os seus esforços não conseguiram vencer a ambição ingleza.

O que a diplomacia não conseguiu conseguiram-o depois as armas, e todos estarão lembrados da servica guerra que se feriu para dar aos boers a sua independencia.

O general Joubert actual ministro da guerra da Republica do Transwaal, vem a Lisboa concertar com o governo portuguez uma alliança, de ha muito desejada pelo seu governo.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

EDIFICIO DA ESCOLA POLYTECHNICA — Visto do Jardim

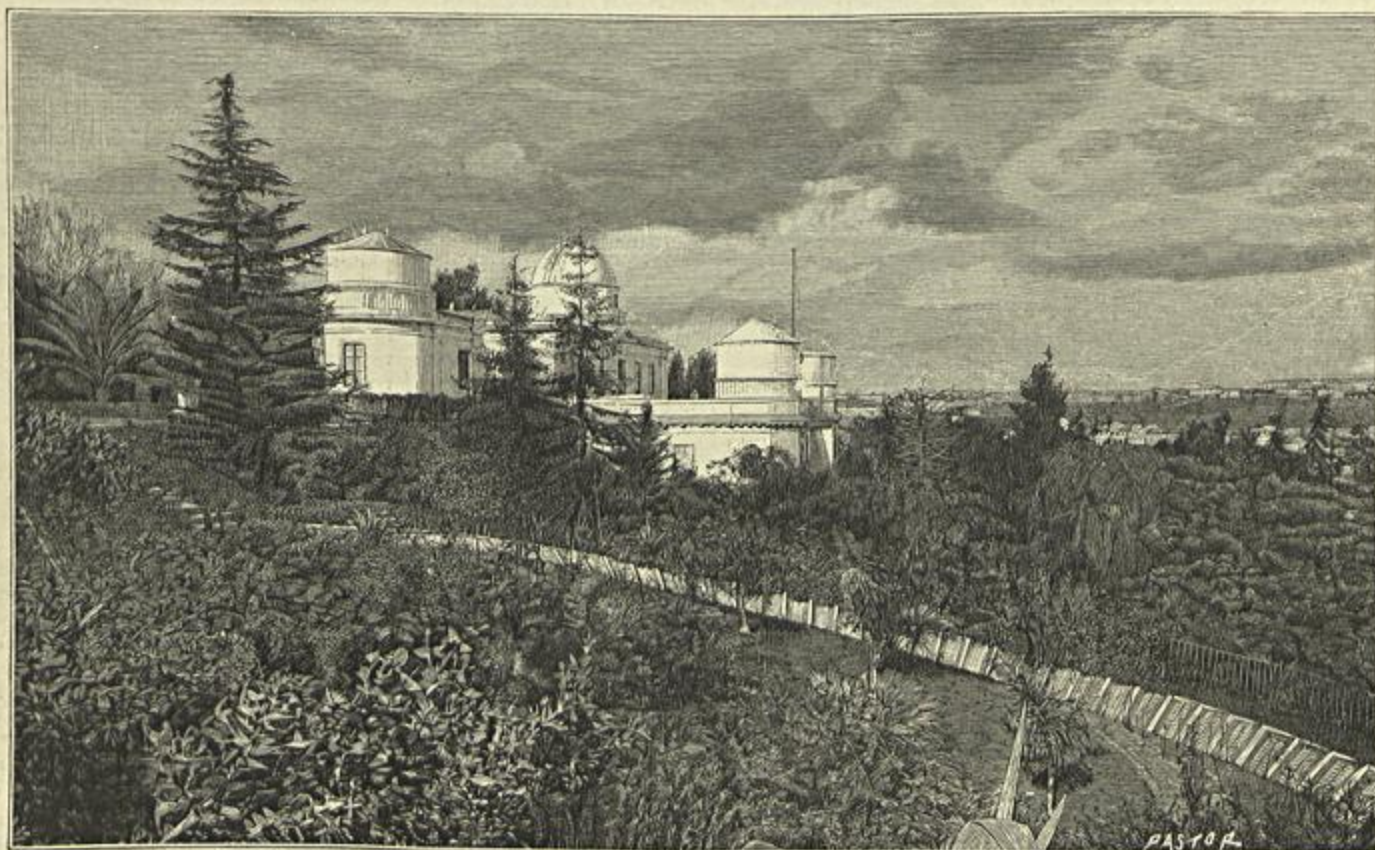
ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

O LABORATORIO DE CHIMICA MINERAL DA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

Ao nosso illustre amigo, o sr. José Julio Rodrigues, lente de chimica mineral da escola polytechnica, devemos os quatro clichés que hoje publicamos, reproducção galvanoplastica de quatro gravuras em madeira, feitos nas officinas da imprensa nacional.

São parte de uma curiosissima collecção de gravuras que devem, com varias, plantas e alçados, figurar n'um pequeno opusculo em francez, que aquelle professor está redigindo. E' escripto no intuito de tornar conhecido no extrangeiro um estabelecimento, que hoje tanto honra este paiz, e é tão util ao ensino da chimica, sempre fastidioso e improductivo, quando não é acompanhado de constantes e bem escolhidas demonstrações experimentaes.

Quem viu ha quatro annos o laboratorio, a que nos referimos e o visita hoje, decerto que o não conhece; tão grandes e tão profundas foram as transformações, porque passou sob o impulso energico, insinuante e persistente, do seu actual director. Teimou e venceu; não só introduzindo de vez o ensino pratico nas cadeiras de chimica da escola polytechnica, como iniciando este mesmo ensino, com intervenções que datam de longe, sem retrocessos nem esmorecimentos.

No seu conjuncto, é o laboratorio de chimica mineral da nossa escola polytechnica o primeiro — sem a menor duvida — da peninsula e um dos primeiros entre os estabelecimentos similares da

OBSERVATORIO ASTRONOMICO DA ESCOLA POLYTECHNICA — Visto do Jardim

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

Europa. Assim o affirmou e reconheceu o celebre chimico Hofmann, em carta que reproduzimos, e assim o teem affirmado varios jornaes extrangeiros, que são, no assumpto, auctoridade incontestada.

Não nos alongaremos, porém, n'este momento com amplas noticias descriptivas ou elucidativas. Mais tarde voltaremos ao assumpto e aguardamos para isso a noticia que, pelo sr. José Julio Rodrigues deve, a tal respeito, ser opportunamente publicada. A carta do sr. Hofmann, comprovando os nossos assertos sobre tão notavel estabelecimento dispensa-nos, por outra parte, de provas, que demonstrem não serem os nossos elogios filhos de extrema benevolencia para com o seu incansavel director ou exhuberancia de amor patrio, doentio e cego.

Uma sessão experimental recente, e a que concorreu a melhor parte do nosso professorado superior e um publico estudioso e selecto, dá-nos ainda testemunho irrefutavel do que affirmamos.

Duas das gravuras, que ora publicamos—e outras virão a seu tempo—representam a primeira, uma linda vista do edificio da escola, observado do lado do seu jardim e proximo ao observatorio astronomico; a segunda uma encantadora perspectiva d'este observatorio, com parte do mesmo jardim.

As gravuras do laboratorio mostram uma, a perspectiva geral da grande sala de trabalho, com a galeria destinada ao curso pratico dos alumnos; a outra uma parte da mesma sala observada do seu piso inferior. Publicaremos opportunamente, como dissemos, e tambem offerecidas pelo sr. José Julio, gravuras representando o amphytheatro da escola e outras, respectivas ao laboratorio de que fallamos. Todas estas gravuras são copias de photographias, tiradas pelo pessoal technico da 6.ª cadeira.

Teve o sr. José Julio Rodrigues dedicados collaboradores, cujos nomes não referimos agora, pelo resumido d'este brevissimo artigo. Entre elles figuram os seus alumnos presentes e passados. Ao governo se deve, tambem n'esta parte, e convem registal-o, ampla e rasgada collaboração.

A publicação minuciosa do que seja actualmente o laboratorio de chimica mineral da escola polytechnica de Lisboa, mandado imprimir pelo antigo ministerio do reino, e que está sendo artistica e proficientemente editada pela Imprensa Nacional, é o fecho necessario de toda esta utilissima e por vezes laboriosa tarefa, que, honrando o paiz, como dissemos, convem, por isso mesmo, tornar conhecida lá fóra, onde o nosso movimento scientifico mal se sente ou se pressente.

Fechamos com a apreciação do sabio illustre, que fundou a industria das côres de anilina e que é uma das glorias scientificas d'este seculo. Transcrevemol-a do nosso conceituado collega — *O Globo.*

—

Lisbonne, août 17, 1890.

Monsieur et très cher collegue.

Je ne puis pas quitter Lisbonne sans vous temoigner ma reconnaissance pour l'accueil aimable que je dois à vous et á M. Lourenço.

Il m'est à la fois un plaisir et un devoir de vous dire l'impression qui a produit sur moi la visite l'École Potytechnique de Portugal. J'ai été etonné de trouver un etablissement scientifique de prémier ordre, dont tout pays aurait droit d'être fier.

J'admire surtout les laboratoires et l'amphitheatre de chimie. Ayant construit les laboratoires des universités de Bonn et de Berlin, je crois posseder quelques connaissances des institutions chimiques, et je n'hesite pas d'affirmer que je ne connais pas un laboratoire mieux installé pour l'enseignement et pour la recherche. Les salles de travail et l'auditoire commandent une profusion d'espace, d'air et de lumière que je n'ai pas recontré souvent ailleurs. Permettez en outre d'ajou-

LABORATORIO DE CHIMICA MINERAL DA ESCOLA POLYTECHNICA — VISTO DA GALERIA

GALERIA DO LABORATORIO DE CHIMICA MINERAL DA ESCOLA POLYTECHNICA

ter que je ne me rapelle pas un laboratoire ou on a reussi à combiner d'une manière semblable l'élégance et l'utilité.

Adieu, mon très cher collègue
Monsieur le Professeur José Julio Rodrigues

Votre devoué
A. W. von Hoffmann
A.

HISTORIA DO CERCO DE DIU

POR LOPO DE SOUSA COUTINHO

I

Ha muitos annos que eu, sempre que se me offerece occasião de conversar com livreiros e editores, não a perco para lhes lembrar quanta necessidade ha d'uma edição dos nossos escriptores antigos — prosadores e poetas — como as possuem, ás duzias, quasi todas as litteraturas das nações cultas da Europa e da America. O estudioso que em França, em Inglaterra, na Allemanha, na America, quer lêr os grandes monumentos litterarios, as obras primas dos seus historiadores, dos seus philosophos, dos seus poetas, d'antes e depois da Renascença, se é rico tem magnificos e luxuosos exemplares, desde 20 até 800 francos o volume, edições esplendidas, maravilhas da typographia e da arte; se é pobre encontra as mesmas obras em modestos voluminhos, que lhe custam apenas 50 centimos — um tostão da nossa moeda! É graças a isto que o nivel intellectual dos povos se eleva constantemente, porque a sua vida espiritual não se limita ao conhecimento dos acontecimentos, aliás muito interessantes, da vida contemporanea, que elle colhe nos jornaes, e encontra nas obras dos grandes luminares, dos guias da humanidade, alimento de maior nutrição, incentivo para eguaes emprezas, e uma comprehensão mais alta e mais verdadeira do que é justo, do que é bello, e do que é util á humanidade.

O que é commum nos outros povos não existe, todavia, entre nós; em Portugal quem quizer dedicar-se ao estudo da litteratura nacional ha de ser rico, ou, pelo menos, absolutamente senhor do seu tempo, para poder frequentar as bibliothecas, sujeito, ainda assim, á contingencia de nem mesmo ahi encontrar o que procura, ou de ter de esperar que outro estudioso, que o precedeu, tenha largado de mão o livro ambicionado. De auctores estrangeiros abundam as obras, vêem-se em todos os mostradores das livrarias; os nossos jazem escondidos, perdidos por entre os livros em segunda mão, das lojas dos alfarrabistas, só conhecidas e frequentadas pelos raros bibiliomanos collecionadores e por algum, ainda mais raro, escriptor, a quem elles ás vezes por maior lanço arrebatam um livro, que em seu poder não serve quasi sempre senão para alimento da sua vaidade!

O leitor sabe, decerto, ou sabe, talvez, que tivemos um chronista mui celebre, chamado Fernam Lopes, e que os livros que d'elle nos restam resam das vidas e feitos de D. Pedro, o Justiceiro, de D. Fernando, e de D. João I.º O periodo historico, como se vê, é opulento de tudo, é lyrico, é dramatico, é epico; — é o tempo dos amores de Ignez de Castro, da morte do conde Andeiro, da vida de D. Leonor Telles, da primeira invasão dos hespanhoes, do grande Condestavel, do mestre d'Aviz, da ala dos Namorados, da batalha de Aljubarrota! Se o assumpto é variado, complexo e grandioso, o chronista mostrou-se á altura da empreza que tomou de o fazer conhecer á posteridade. Não sou eu que o digo, dizem-o todos, desde a Academia Real das Sciencias, que o incluiu na preciosa e magnifica collecção dos seus *Ineditos*, publicada nos fins do seculo passado, até os grandes historiadores dos nossos dias, Herculano e Rebello da Silva. Pois bem, quando eu, ha muitos annos, procurei nos livreiros as chronicas d'este patriarcha da nossa litteratura historica, encontrei o Ruy de Pina, o Christovam Acenheiro, e os outros dos *Ineditos*, mas aquelle que eu mais desejava possuir, Fernam Lopes, disseram-me que se o quizesse pagar por cinco ou seis vezes o valor primitivo, talvez encontrasse quem m'o vendesse!

Narro um facto, não censuro nem corporações, nem individuos. Todos sabemos, infelizmente, a pouca, a quasi nenhuma protecção, que as lettras e as sciencias sinceras e boas têem, em geral, recebido dos nossos governos; nem ignoramos que a pequena dotação, concedida, no orçamento das despezas do Estado, á Academia Real das Sciencias, não lhe permitte emprehendimentos, que demandem o empate de grandes capitaes. E' pena que o poder central, que entre nós tudo governa, tudo chama a si, tudo dirige e tudo impulsiona, por virtude da tradição, e cremos tambem, pela necessidade da nossa natureza, pela falta de iniciativa da nossa raça, é pena, repetimos, que o poder central nunca voltasse seriamente a sua attenção para as lettras, este poderosissimo elemento de civilisação, a um tempo effeito e um dos factores maximos das maravilhas do genio em todas as suas manifestações.

Ameudam-se entre nós as accusações aos estadistas por malbaratarem os dinheiros publicos, em proveito d'este, d'aquelle, de mil interesses particulares, d'esta fabrica, d'aquella industria, d'est'outra especulação, mas de exhaurirem os cofres do Estado em proveito das lettras patrias, d'isso é que ninguem poderá accusal-os. A verdade manda Deus que se diga. D'esse vil enchurro de mil calumnias d'envolta com algumas verdades, as lettras e os que as cultivam sahirão humildes e pobres, mas honrados. Mostrem-me os coches brazonados de Garrett, de Rebello da Silva, de Pinheiro Chagas, de Thomaz Ribeiro, de Latino Coelho, secretario perpetuo da Academia e ministro, como muitos dos seus illustres consocios. Aqui, infelizmente, os factos dão satisfações de intimo jubilo á insignificancia opulenta e á inveja ignorante, que parecem ter sido os auctores do celebre e triste proloquio, que diz que os taes illustres sabem muito, mas andam a pé! D'esta bacchanal hedionda, e sordida do fim, da vasante do seculo, como lhe chamam os Juvenaes do tempo, saem as Musas com a sua tunica candida e impolluta, como a das vestaes da antiga Roma, e se algum dos que entram o recinto da Academia pensar ás vezes temerariamente em ceias de Lucullo, em festins de Trimalcião, varrem-se-lhe decerto do espirito esses baixos, esses lubricos pensamentos, ao atravessar os corredores frios, inhospitos, e solitarios, a deserta bibliotheca, as silenciosas salas do grande templo do pensamento nacional!

Se eu fosse ministro da Instrucção Publica — perdôem-me o arrojo da hypothese — não me importava que me accusassem de esbanjador, por ter dotado a primeira corporação litteraria e scientifica do meu paiz com os meios necessarios para ella representar dignamente o seu papel, a par das suas irmãs da Europa. O futuro se encarregaria de defender e vingar a minha memoria, e nós, entretanto, poderiamos lêr todos os nossos chronistas, viajantes, poetas, e oradores, em boas edições e de facil acquisição. Este futuro hypothetico e risonho teria para mim só uma mancha, uma nuvem no seu firmamento, e seria a de n'esse caso, não poder o benemerito editor e nosso amigo, o sr. Mello e Azevedo, prestar ás lettras patrias o serviço que hoje principia a fazer-lhes com a publicação da sua *Bibliotheca de classicos portuguezes*, cujo primeiro volume, — a *Historia do cerco de Diu*, por Lopo de Sousa Coutinho, acabamos de lêr n'este momento com o vivo interesse que inspiram sempre as narrativas, *as coisas contadas d'edade a edade*, por aquelles, infelizmente raros, que, actores dos grandes dramas, das grandes epopéas, pegaram um dia na penna com a mão forte e heroica, que empunhou outr'ora a lança e a espada.

(*Continúa*). *Zacharias d'Aça.*

SCENAS BURGUEZAS

III

LA DONA D'OGGI

Formosa, e tão delicada, tão receiosa nas manifestações do seu carinho, parecia Ema a encarnação da castidade; se Watteau a tivesse conhecido tomal-a-hia para modelo das suas pastorinhas. Assim pequenina, muito branca e elegente lembrava um dos encantadores *pots-pour-riz* de Grison e Thevenet do seculo XVIII.

O cabello preto como azeviche mais destacava a brancura levemente rosada do seu rostinho redondo, com graça natural inclina-o por vezes para *fichu* de alvissima renda, e outras ousado e radioso pelo sorriso, e pelo olhar em que havia scintillações de luz propria... Era muito bonita a Ema!...

Antes, porém de completarmos o ratrato estudemos primeiro os defeitos de organisação do seu original. Defeitos causados pelo descuro na alimentação do espirito em boas leituras, e pela falta de estimulo em bons exemplos. Assim o parecia em vista da desorientação religiosa de D. Joaquina e do desconchavado *ancien régime* de Ignacio Carrilho.

De resto, na travessia da puberdade, Ema soffrera muito d'uma terrivel doença que parecia incuravel; porém o medico distincto, ou o physiologista curioso, acharia naturalissima essa mesma doença se olhasse ao desleixo e leviandade que a envolviam.

A propria Ema contava:

— Parece que é uma bola que sóbe pelo interior acima, que me aquece o estomago, como se tivesse bebido vinho do Porto; outras vezes é um frio como se eu tivesse tomado neve; depois sóbe-me pelo peito, sóbe... sobe sempre... chega á garganta. Ah!...

E interrompia-se passando as mãos pequeninas sobre as palpebras como para affastar o espectro horroroso d'aquelle soffrimento; saccudia então a encantadora cabecita n'um movimento brusco despedindo um olhar angustioso:

—... Não imaginam! é horrivel. Dôres violentissimas de cabeça! Muito agoniada. Então é que começa... parece que endoudeço, depois... não me lembro de mais nada.

N'este momento, quando lhe *parecia que endoudecia*, é que a pobre creança tinha movimentos convulsos de uma grande violencia, com vistoso aparato de força. Em seguida a violencia nervosa ia abatendo, cahia n'um espasmo!... A circulação do sangue, pela insensibilidade nas mãos e braços, annunciava-se interrompida; a respiração, a vista e a falla suspendiam-se... Era o conhecido *globo hysterico* dos anatomistas.

E assim se lhe ia alterando o temperamento, tornando-se um composto de contradições que só interessam vivamente o naturalista: angelica, e pletorica de sensualidade! nas suas mãositas de *baby* sustentaria o mundo; e os pésinhos, tão elegantemente archeados, tão leves, roubados de certo á *Pepita Jimenez* de D. Juan Valera, tel-o-hiam esmagado!... Ema refrescava e queimava; assim socegando o espirito de Mario como o rócio das manhãs de Napoles, enlouquecia-o por vezes como a vertigem das noites de Baudelaire. Tanto lhe pareciam os olhos de Ema dizer, como no *Moysés* de Rossini, *A rispetar me apprenda*, como por outras vezes faiscavam o impaciente e provocador *Vous ne faites donc pas attention à rien* das estonteadoras mulheres de Balzac. Um typo da inquietação nervosa do nosso tempo!

Mario Guerreiro era um desillidido e não, como muitos pensavam, um espirito esgotado que só encontrasse abrigo no septicismo. Concluira, que, não podendo, elle só, reformar a sociedade, o melhor era affastar-se d'ella tanto quanto possivel, salvando o que podesse.

Sentia pela sobrinha dos Carrilhos o interesse que nos causa a creança em quem reconhecemos uma grande alma aberta á generosidade e ao perdão. Tinha um prazer surprehendente de novidade em ser aconselhado, dominado, elogiado ou arguido por ella; achava adoravel de encanto aquella protecção da fraqueza—adoravel de encanto! —e deliciosas de originalidade aquellas recommendações ditadas por uma ingenua.

E o mais singular era, elle, o septico que se ria da propria dôr, executar muita vez os conselhos da Ema!

E' que as nossas forças phisicas ou espirituaes, sob o impulso da sensibilidade, pendem e correm naturalmente para os objectos que nos causam prazer, e o septicismo não exclue a sensibilidade. Isto explicará o que pareça contradição no caracter de Mario Guerreiro.

De resto, o espirito do nosso septico fôra sempre cheio do sentimento esthethico; amava por consequencia, segundo as leis da Esthetica só o que é digno de admiração:—*o bello*.

IV

UM JANTAR BURGUEZ

Estava-se ao *dessert*.

Os jantares em casa dos Carrilhos primavam em serem pouco pretenciosos.

Estava-se bem, n'uma liberdade bucolica.

Duas largas janellas abriam para uma grande horta com decorações de jardim, o ar entrava oxigenado, pleno de emanações de verdura, perfumado da sinceridade dos campos.

A casa de jantar era forrada de papel simulando carvalho do Norte com mulduras a preto. Pelas paredes estavam distribuidos quadros representando peças de caça e fructos. As cadeiras, de madeira ordinaria pintada de preto, cubertas de palhinha. Ao centro uma meza ablonga de elastico para trez taboas.

Do tecto, descia, um candieiro com ornamentações fingindo bronze e prata, pendendo sobre o meio da meza, tendo em baixo, sobre correntes douradas um prato de chrystal coberto de era e rozas vermelhas artificiaes.

A' cabeceira da meza, o general Accacio, conconservando a sua *poze* diplomatica, animava as cabecitas escandecidas pelo vistoso *dolman* de commandante de divisão.

O silencio restabelecia-se, immediatamente, n'uma contricção religiosa, logo que o general começava:

—Em 1848 achava-me em Paris por ordem de Sua Magestade a Senhora D. Maria II quando rebentou a revolução...

A' direita, D. Joaquina Carrilho estava radiante de felicidade porque o conselheiro Simões, sempre que se dirigia para ella dizia:

—Esta *querida* senhora...

Seguia-se D. Genovava, muito sentenciosa, de romeira de rendas pretas com uns laçarotes verdes; depois o brilhante Carrilho, collarinho alto, puro *combridge*, *jupon bleu* rosa *blak prince* na *boutaniére*; em seguida a sobrinha Ema com um vestido simples cinzento, com *dentelles* pretas moldurando o pescoço e descendo em ondeado até á cintura.

A' esquerda do general e conselheiro de S. M. estava uma senhora, filha de uma prima em segundo grau de D. Joaquina. Muito elegante, alta superiormente instruida, D. Anna de Athayde, conseguira adquirir um nome respeitado no mundo litterario, senhora de mais de trinta annos, estava n'esse periodo da vida que o grande Balzac dizia ser o *guet-apens* da mulher.

Se qualquer homem lhe adivinhasse os receios, ou reconhecesse o angulo morto da sua situação, estava irremediavelmente perdida. Porque ella bem reconhecia que dentro em pouco só os recursos do seu espirito lhe conservariam a aureola de respeito e adoração que rodeava a escriptora que todo o Portugal admirava sob o pseudonymo de Gil Bertram. Ao lado estava a pequenita Gina neta de D. Genoveva. Este nome da creança devia, decerto, ter sido lembrado por D. Anna Athayde ao pensar no celebre signal — *Gina pense á toi* — da «Chartreuse de Parma» de Sthendal.

Festejava-se o anniversario natalicio da Ema, não se haviam feito convites por esta estar ainda combalida da longa doença que por alguns mezes a torturara. Era este um dos primeiros dias que vinha á meza.

—A graciosa soberana, continuava Accacio, dissera-me, na vespera da minha partida:—«Olhe, «Simões, creia que sentimos vivamente a sua au«sencia, mas só confiâmos de Simões a delicada «missão de que vae encarregue.»—os olhos arrazaram-me de lagrimas, beijei commovido a gentilissima mão real e disse simplesmente:—«Sou subdito de V. M. e sou soldado portuguez; a divisa do reino, conquistada em Ourique, era *vencer com o signal da cruz*; a do exercito é *morrer pela soberana!*

—Bravo, general! bradou uma voz á entrada. Era Mario Guerreiro.

A Gina bateu as palmas:

—Olha o meu Mario!!..

No meio do movimento geral Ema fuzillou Anna de Athayde com um olhar que não tinha nada de cordeal. Não passou isto desapercebido ao Mario Guerreiro.

—O general disse D. Genoveva, acaba de fallar da senhora dona Maria II em termos proprios d'um cavalheiro; e o olhar cahiu-lhe sobre Mario.

—Os homens novos teem outras ideias, não gostam de cousa nenhuma é... é.. é mesmo uma pouca vergonha.

—Então... então, não se altere sr.ª D. Genoveva, disse Anna de Athayde.

—Sou soldado e sou portuguez repetiu Accacio Simões.

—Isto de se juntarem muitos velhos dá sempre em resultado rabujice, ponderou Carrilho... queres tu um copo de *vieux-Madère*, oh! Mario ãnh!

—O sr. Florencio Carrilho é um espirito muito conciliador...

—Pois não é verdade? atalhou Florencio, a mana Genoveva está sempre a gritar contra tudo que é novo, minha mulher anima-a com o consentimento do seu silencio, o general nem sempre está do meu lado. E é isto que faz com que eu.. ãnh! não é verdade?... com que eu não queira nada senão com rapazes e raparigas. Anda cá Ema *menina nascida*... venha de lá esse beijo que é o que os velhos já não podem dar com o mesmo sabôr.

E os seus labios de velho libertino esfloraram dois beijos nas faces da sobrinha.

—Eu acho razão ao tio Florencio, disse D. Anna de Athayde, mas noto tambem que o enthusiasmo do general pela rainha deve agradar a toda mulher de educação.

—Muito bem, muito bem! disseram ao mesmo tempo D. Joaquina e a cunhada.

—Ora! ha mulheres que não percebem um cumprimento quanto mais agradecel-o.

—Não diga isso meu caro Carrilho, disse o conselheiro de S. M., eu não conheço uma senhora só que não tenha a intuição da galanteria.

—Coitadinhas! por isso é que ellas ãhn! visto que teem a vizão dos bemaventurados, são sempre victimas, chicanou o sr. Florencio.

—Nada de ironias; interrompe Mario, nas senhoras ha, incontestavelmente, uma grande finura de espirito, a par d'um subtil cuidado pelas cousas ou pessoas que lhe são queridas, ninguem desconhece, e muito mais do que nós o brilhante *Gil Bertam*, que o grande Honoré de Balzac dizia que no mundo só se podia confiar amplamente na mulher.

— Ah! mas os senhores estão sempre a accusar-nos de traições, disse Anna de Athayde com violencia.

— Ao que se chama *traição* não é mais do que uma imprevidencia nossa; o auctor da *Comédie hnmaine* escrevia á condessa Hanska, a futura madame Balzac: — « Comtigo a *sociedade moral* « não existe para mim! Ahi tens o grande segre« do da felicidade! » Ella ensinara-lhe a vereda honrada da dignidade, sem codigos nem tribunaes.

— Mas se *apeçar de tudo* uma melher trahisse o sr. Mario Guerreiro, o que não diria depois...

— Perdão, por insistir; se como v. ex.ª diz, a despeito de tudo ella me trahisse. E' natural. A mulher obedece ás leis fataes de que todos somos victimas. Tudo desfaz o tempo: pranto, alegrias, decepções e enthusiasmos. Para quê! degladiarmo-nos, offendermo-nos mutuamente, em logar de adorarmos o que constitue o resto de toda essa vida passada—a saudade— que o tempo não pode destruir?!... Esquecer é morrer e quem vive não esquece. E é tambem bom lembrar... lembrar sempre... E depois não comprehendo a offensa, nem a traição. Ella é fraca, é mulher. Quando jurou que seria eterno o seu amor, foi lealmente sincera; e acreditou-o, assim vehemente. Como esperar immutabilidade de uma organisação toda escrava de forças exteriores, sempre mudavel pela excessiva sensibilidade? Antes do que chamam traição ella soffreu muito, luctou, depois arrependeu-se. E' então que expia cruelmente o que, na sua adoravel inconsciencia, imaginou ser uma victoria... E dizendo isto não faço mais do que repetir o que dizem Balzac, H. Martin, o nosso Rebello da Silva, José Agostinho de Macedo e todos os que ao escrever tiveram um momento de sinceridade.

— Demos de barato que isso é assim. Mas o sr. Mario ao passo que nos lisongeia, vae subtilmente chamando-nos *irresponsaveis*, o que equivale a um outro adjectivo nada amavel.

— Ora ahi está! Não é verdade o que eu digo. E, v. ex.ª não quer comprehender que, justamente, na irratibilidade que está demonstrando, se prova que o que acabei de dizer não é mais do que a prova irrefutavel da irresponsabilidade na mulher, dos crimes da *sociedade moral* de que nos falla Balsac.

— Oh Anninhas, disse timidamente Ema Carrilho, olha, eu acho razão ao Mario.

— Fazes muito bem, mas *estes senhores* tem, lá de si para si, que a mulher é sua, propriedade sua...

— Mil perdões, eu estou realmente confundido com uma victoria tão completa. Obrigar *Gil Bortam* a ser incoherente, é porque realmente os meus argumentos são de tal ordem, que não ha razão que se lhes opponha.

— Olhe, meu amigo. guarde as suas theorias para a Emasita, que talvez as receba convicta, eu, estou já muito descrente para supportar imposições dogmaticas.

— Se é permittido interromper tão bem ferido torneio, interveio o general Accacio, peço licença para accender o meu charuto; os velhos devem ter perdão para as suas fraquezas.

Levantaram-se todos. Anna de Athayde dirigiu-se para D. Genoveva e D. Joaquina que pelo braço de Florencio Carrilho seguiam para a sala.

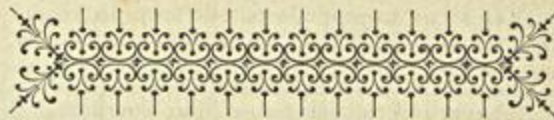
A pequenita Gina subiu para os joelhos do general e Mario Guerreiro ficou encostado á hombreira de uma das janellas.

Ema que seguia o grupo que se dirigia para a sala, demorou o passo.

Em todo o tempo que durou o tiroteio, entre Mario e Anna Athayde, houve estremecimentos quasi imperceptiveis na serenidade do rosto de Ema, de ordinario tão calmo, isto accusava n'ella uma profunda contrariedade.

Ella tinha esta tarde, nas faces, nos labios e nos olhos esse tom febril das convalescentes, que fascina. Sentia-se muito grata á assiduidade que o seu *amigo* Mario demonstrara na passada enfermidade, sentia necessidade de lhe fallar...

Ficára só, á porta que dava entrada para a sala.

(Continua) *Manuel Barradas*

REVISTA POLITICA

Para commemorar o triste anniversario que hoje passa — o anniversario d'uma afronta feita por uma nação que se diz amiga, aliada fiel, e que diz continuar a sel-o com toda a hypocresia das suas palavras e toda a pirateria dos seus actos, temos que fazer uma pergunta á consciencia da nação portugueza, pergunta a que cada um poderá responder a si mesmo como a uma confissão intima, e cuja resposta tanto poderá aliviar-lhe a mesma consciencia como pezar-lhe a mais e mais.

No anno que vae decorrido desde o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, o que tem feito a nação e cada um dos seus cidadãos para bem se desafrontar da Inglaterra pelos meios que estão ao seu alcance?

O balanço do que todos e cada um tiver feito n'este sentido, é que deve accusar se temos perdido ou se temos ganho, e provar se todo o patriotismo que veiu á supuração nas exaltações das praças ou na rhetorica da imprensa se consumiu n'esses desabafos do coração, ou se ficou algum para uso pratico e util, no que elle verdadeiramente deve utilisar á nossa independencia e dignidade.

Receiamos, porem, muito que um tal balanço accuse um deploravel deficit, e receiamos porque do que se tem visto publicamente muito pouco ha que anime, e o que as farças vivas da nação poderiam opperar em favor da causa commnm, acha-se envolvido no mais impenetravel mysterio, que n'estes tempos de positivismo e descrença pouca ou nenhuma fé inspira.

Exactamente o mesmo que acontece com o auspicioso discurso da corôa proferido na abertura do parlamento, uma abertura falsa, que nos faz lembrar as sahidas falsas que se marcam na scena, isto é, abriu para em acto continuo se fechar.

Uma pura formalidade como pura formalidade é o discurso da corôa.

Ah! que se não fôra uma formalidade, d'esta vez como de outras, o discurso era de molde a inspirarnos a mais desafogada confiança no futuro.

A affirmação de não serem precisos novos impostos e a declaração de que o estado das finanças publicas não chegava a ser difficil, é de pedir que nos repitam isto muitas vezes para assim nos convencermos de que não estamos sonhando.

Mas da palavra ás obras muito se modifica e é por estarmos muito habituados a essas modificações que ninguem já toma a serio estas declarações milhares de vezes feitas a outras tantas goradas.

Não é que a situação dos rendimentos publicos seja miseravel e não chegue para as necessidades da nação, mas para as mal cabidas ambições de muitos, para a satisfação de muito parasitismo que para ahi vegeta, é que ella não chega e nunca chegará em quanto não houver um governo que tenha o patriotismo e a coragem de sacrificar o menor numero á grande massa do paiz, que soffre as consequencias do desbarato de seus sacrificios.

É por isto que o discurso da corôa não aqueceu nem arrefeceu e apenas deu motivo a alguns artigos de fundo nas columnas dos jornaes politicos, artigos sem mel nem fel, nem peixe nem carne.

Está preocupando muito mais os arrayaes politicos a noticia de que o governo dissolverá as camaras. Esta sim é que produz mais effeito e não deixa de ter graça a innocencia com que os jornaes, que defendem a dissolução, dizem que é preciso consultar a vontade do paiz como se isto fosse coisa que alguma vez acontecesse.

E eis em que vem a dar o governo extra-partidario, que afinal quer uma camara sua como qualquer governo partidario.

Nós que apenas relatamos o que por ahi vae, mal comprehendemos o que vem a ser isto de governos partidarios desde que a politica, que ha annos a esta parte os governos teem seguido, é a que todos temos visto, politica de homens e não de principios, politica de interesses pessoaes em vez da politica de interesse geral.

Ha, porem, quem diga que o actual governo não terá o trabalho de fazer novas eleições, porque a questão ingleza se encarregará de o mandar para casa como aos seus antecessores.

Sempre diremos que longe vá tal agouro, e antes devemos desejar que tudo se resolva em bem, para bem de nós todos.

Pelo menos não podem ser mais optimistas as noticias que mysteriosamente correm sobre o tratado que o governo está concertando com a Inglaterra, apezar de não se saber nada das condições que esse tratado estabelece.

Diz-se mesmo que a sua conclusão está para muito breve, ainda para antes do fim do mez, e, porisso breve saberemos se será este o ultimo tratado ou não, e se o Camões ficará socegado na impertubavel *poze* do seu bronze, sem novas fachas negras a cingirem-lhe platonicamente o pedestal.

Tudo na espectativa, tudo á espera do dia de amanhã com uma curiosidade infantil, ora para saber se os inglezes nos levam mais ou menos terras d'Africa, ora para saber se o grande emprestimo vem em francos ou em marcos, e por fim saber quando sahirá a expedição militar para Moçambique.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Asylo do Santissimo Coração de Jesus e Officinas de S. José — No dia 6 do corrente tivemos occasião de assistir a uma festa tão sympathica quanto util, como incitamento ao estudo e ao trabalho de um punhado de crianças pobres que ali recebem a instrucção, que seus paes não podem pagar.

O Asylo do Santissimo Coração de Jesus e Officinas de S. José situado na rua das Praças, n.º 36, celebrou n'aquelle dia o sexto anniversario da sua fundação com uma sessão solemne a que presidiu Sua Eminencia o Cardeal Vannutelli Pro-Nuncio de Sua Santidade.

As salas estavam completamente cheias de senhoras, na sua maioria protectoras do Asylo, as quaes tomavam uma parte bem interessante n'aquella festa que assignalava tão salutares resultados do seu miritorio trabalho, auxiliado pelo incansavel zelo e dedicação do director do Asylo, Monsenhor Francisco Herculano Cordeiro.

Pela 1 hora da tarde chegou Sua Eminencia o Cardeal Vannutelli e foi aberta a sessão, cantando os collegiaes um hynno em côro acompanhado ao piano pela Ex.ma sr.ª D. Everilda de Mascarenhas Lemos.

Seguiu-se um discurso pronunciado pelo director do Asylo, Monsenhor Cordeiro, em que fez o relatorio dos actos da Direcção no anno de 1890, demonstrando as vantagens d'aquella instituição e seus progressos, discurso de que extractamos os seguintes periodos:

«São decorridos seis annos que um prelado, cuja piedade e sabedoria eram proverbiaes, e que foi arrebatado pela Providencia aos affectos e respeitos de todos que d'elle se aproximavam, o saudoso D. João Rebello de Menezes, inaugurava n'esta casa um simples collegio para rapazes pobres, e hoje, senhores, essa humilde instituição depois de seis annos, sempre em crescente progresso, sempre protegida pela Providencia, converte-se em asylo e chega a estabelecer no seu recinto duas officinas de aprendizagem para rapazes, sendo uma de marceneiro e outra de sapateiro

No intervallo de seis annos uma aspiração permanente, um desejo constante dominavam esta associação, porque reconhecia que um simples collegio de instrucção primaria, prestando importante serviço ás crianças pobres d'este sitio, não era sufficiente para esses desgraçados, porque os principios solidos da religião que n'esta casa eram esculpidos nas suas pequeninas almas, eram bem depressa distruidos pelo contacto da rua e mesmo pelo pessimo, mas poderoso exemplo da casa; e as crianças rodeadas n'esta escola de cuidados e desvellos, concluida a sua instrucção elementar, iam entrando nas officinas da cidade, verdadeiros focos de desmoralisação e impiedade, esquecer o que haviam aprendido, e aprender o que nunca deviam saber.

. . . .

A Providencia que sempre tem velado por este instituto, offereceu-nos excellente ensejo. No pateo de S. Vicente funccionavam officinas patrocinadas por S. E. o Senhor Cardeal Patriarcha e subsidiadas em parte por piedoza e benemerita confraria de S. Vicente de Paula; dirigia estas officinas o illustre secretario particular de Sua Eminencia, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, mas as suas variadas occupações, ultimamente aggravadas com novos trabalhos e cargos, não lhe premettiam que elle podesse prestar os serviços e attenção que demandavam as mesmas officinas, e em uma conferencia propoz-me que essas officinas fossem encorporadas no nosso asylo.

Foi em agosto, que, por meu pedido, o nobre presidente da direcção reuniu extraordinariamente a assembléa geral, e foi unanimemente approvada, aquella proposta. Estavam realisados os nossos ardentes votos.

. . . .

Longa embora interessante seria a ennumeração dos passos que se deram em poucos mezes no interesse das officinas. Direi apenas alguma cousa do que se fez. Como não podeis deixar de convir é impossivel realizar obra d'esta magnitude sem grandes recursos, e os primeiros passos foram para obtel-os. Assim expedimos grande numero de circulares pedindo esmola para as officinas, e se nem todos responderam ao nosso apello, muitos concorreram com algumas quantias. Em primeiro logar está a sympathica e verdadeiramente caridosa rainha Senhora D. Amelia, que fez a graça de me conceder audiencia, mostrando-se vivamente interessada pela nossa obra e enviando para as despezas de instalação 180$000 réis; a rainha Senhora D. Maria Pia, sempre prompta a proteger obras de beneficencia, tambem me fez a graça de me conceder audiencia, mostrando-se egualmente interessada pelas oficinas, enviou réis 180$000 para ellas; o meu illustre amigo sr. commendador J. M. Osorio, que está presente, tanta sympathia lhe inspirou a nossa empreza, que alcançou do Congresso Municipal de Beneficencia Publica, o importante subcidio annual e permanente de 360$000 réis para a renda da casa; uma illustre dama, que apezar de estar presente não me é premettido aqui nomear, offereceu 50$000

O GENERAL JOUBERT
(Segundo uma photographia)

réis; a nobre duqueza de Palmella deu 40$000 réis. Estas são as verbas mais importantes que nos auxiliaram para as primeiras e extraordinarias despezas de instalação.

. . . .

Desejando que o ensino profissional dado n'esta casa fosse intelligente e não rotineiro, procurei colher elementos para estabelecer uma aula de desenho industrial, e digo-vos com a mais enthosiastica satisfação que os resultados foram superiores ás minhas esperanças. O meu illustre amigo sr. Antonio Lopes Mendes, antigo professor de desenho no Instituto Agricola, cujo lapis encantador e fino está affirmado em muitas obras e especialmente na monumental *India Portugueza*, offereceu-se para gratuitamente ensinar o desenho, mas faltavam os elementos para organisar a aula. Fui estudal-os na muito bem organisada *Escola Marquez de Pombal* e procurei o illustre inspector das escolas industriaes d'este circulo o qual depois de visitar esta casa, me assegurou que fornecia todos os elementos necessarios para montar a aula de desenho industrial.»

. . . .

Depois d'este discurso seguiu-se a distribuição de premios aos alumnos da escola, recitando estes algumas poesias e discursos apropriados, e tocando magistralmente no piano excellentes peças de musica a ex.ma sr.ª D. Elvira A. dos Santos.

Sua Eminencia o sr. Cardeal Vannutelli encerrou a sessão com um bello improviso em portuguez, elogiando a obra meritoria praticada por esta instituição e fazendo votos pelos seus progressos, lançou a benção em nome de Sua Santidade.

Passou-se depois ao basar de sortes em beneficio do Asylo o qual continua aberto para as pessoas que quizerem auxiliar com seu obolo esta util e caridosa instituição.

Jantar no paço á officialidade da expedição á Moçambique. — Realizou-se no dia 7 do corrente no paço d'Ajuda, o jantar offerecido por Sua Magestade á officialidade da expedição a Moçambique.

O jantar começou pelas 7 horas e meia da noite, tomando logar no centro da mesa (da esquerda) Sua Magestade El-Rei, tendo á direita Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e á esquerda a sr.ª viscondessa d'Asseca. A senhora D. Maria Pia tinha á direita as sr.as condessa de Ficalho, e Alcaçovas, Ministro da Justiça, D. Josepha Sandoval, duque de Palmella, D. Eugenia Niza, marqueza de Pombal, general Malaquias, commandante da expedição Azevedo Coutinho, explorador Cardoso, Duval Telles, Fernando Serpa, capitães Malaquias, Osorio, Caldas, Guedes, tenentes Machado, Barros, Braga, Caldas, alferes Nogueira, Cruz, Silveira, commandante da guarda. Sua Magestade El-Rei tinha á sua esquerda a sr.ª duqueza de Palmella, Ministro do Reino, condessa de Sabugosa, Ministro dos Estrangeiros, viscondessa d'Asseca, condes das Alcaçovas, D. Luiz, de Villa Nova de Cerveira, Folque Possolo, Neves Ferreira, major Araujo, Lopes d'Andrade, Oliveira, Dias, tenentes Borges, Tavares, Cunha, Gonçalves, Leitão, alferes Salles Coelho, Cardoso e Veiga, subalterno da guarda, capitão Mello, conde da Ribeira Grande, alferes Mauricio.

Ao centro da mesa (da direita) tomavam logar Sua Magestade a Rainha D. Amelia, tendo á sua esquerda Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso.

A' direita da Senhora D. Amelia estavam: marqueza do Funchal, Ministro da Fazenda, D. Thereza Bocage, Baptista de Andrade, duque de Loulé, conde de Sabugosa, Antonio Vasconcellos e Sousa, generaes Folque e Vito Moreira, majores Serpa Pinto e Moura, capitães Charters d'Azevedo, Renato Baptista, Costa Machado, Carvalho, conde de Tarouca, tenentes Saccadura, Veiga da Cunha, Mesquita, alferes Almeida e Alvares.

A' esquerda do sr. D. Affonso o sr. presidente do Conselho, condessa de Ficalho, Ministro da Marinha, madame Cunha, Ministro das Obras Publicas, D. Isabel de Mello, conde das Alcaçovas, visconde d'Asseca, conselheiro Nazareth, Teixeira de Carvalho, explorador Ivens, major Feijão, capitães Rolão Preto, Eça, Rocha, e Silva; tenentes Cunha, D. José de Mello, Couceiro, Reis; alferes Azevedo, Rocha, e Cruz, dr. Barros da Fonseca, e coronel Sequeira.

Ás cabeceiras da mesa estavam os srs. conde de Linhares, e alferes Miranda.

Sua Magestade brindou aos officiaes da expedição em sentidas palavras:

«Senhores officiaes:

Desejei, como vosso chefe supremo, reunir-vos aqui antes da vossa partida para a Africa, para vos testemunhar o jubilo verdadeiro e profundo com que vejo que o exercito portuguez continúa a ser o que sempre tem sido: um modelo de lealdade e de abnegação. Porque vós ides partir, não como iam os nossos antepassados, para procurar por mares nunca d'antes navegados, novas riquezas e novas conquistas. Não! vós ides na ardua e dura missão de ajudar os nossos irmãos d'além-mar a conservar a Portugal aquelles pedaços de patria, que tanto sacrificio e tanto sangue nos tem custado até hoje. Este é o fim da expedição, e fico certo que vos desempenhareis d'elle como soldados portuguezes. E' o maior e mais bem merecido elogio que vos posso fazer. Vós ides partir. Ide! Os nossos mais ardentes votos de felicidade vos acompanham; e ficae certos, quer nas horas de ventura, quer nas de angustia, que ficarão aqui corações de portuguezes que pulsarão com os vossos; pensae o que todo o Portugal espera de vós, e tende na vossa mente o lemma dos nossos marinheiros, tão bello na sua simplicidade: «Honrae a Patria, que a Patria vos contempla.»

Meus senhores, á saúde do corpo expedicionario a Moçambique.»

A este brinde respondeu o commandante da expedição sr. Azevedo Coutinho, agradecendo a El-Rei D. Carlos em seu nome e no de seus camaradas e protestando os sentimentos patrioticos que animavam a expedição.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43